



## CAPÍTULO UM

O que sei sobre os meus pais foi o que me contaram. Nunca tinha visto uma fotografia de qualquer um deles porque não havia nenhuma. Mas a tia Tassi disse que, claro, a minha mãe era bonita e quando lhe perguntei quão bonita, ela apontou para uma flor de hibisco rosa que emergia de um arbusto e disse: «Assim, bonita.» Como é que usava o cabelo? Prendia o cabelo num puxo e enrolava um pano em torno da cabeça, disse-me ela numa fria tarde, quando nos dirigíamos à aldeia de Black Rock em busca de mandioca. E que altura tinha? E de que cor eram, *exactamente*, os seus olhos? Dizes pretos, mas pretos como a madeira ou pretos como aquelas abelhas africanas que certa vez voaram da sumaúma podre ou pretos como o piche que vem do lago em Trindade? Eram redondos ou amendoados, grandes ou pequenos? O que é que as pessoas pensavam dela, quando a viam? Viravam a cabeça ou continuavam a andar?

A maior parte das vezes, quando eu fazia este tipo de perguntas, a minha tia continuava a fazer aquilo que estava a fazer como se eu não tivesse dito absolutamente nada. Mas isso não me impedia de fazer perguntas sobre a minha mãe, ou de pensar sobre ela e me perguntar como seria. Sabia que ela tinha trabalhado numa barbearia chamada Mona's, em Bacolet, e que tinha conhecido o meu pai nesse mesmo salão. O meu pai estava de passagem pelas ilhas, a caminho da sua casa em Inglaterra, depois de ter trabalhado como garimpeiro na Guiana Inglesa. E eu sabia que ela, provavelmente, não cortava cabelos como os dele com muita frequência. Como poderia, disse eu à tia Tassi, se ele era um homem branco. Sempre que eu dizia que era uma forma romântica de se conhecer alguém, a minha tia dizia-me que não devia ficar presa ao romance; e normalmente dizia-o quando Roman Bartholomew, o marido dela, a podia ouvir.

Contou-me que minha mãe morreu depois de um parto longo e difícil. Ela chegou a ver-me, perguntei quando tinha cinco anos. Não podia suportar a ideia de que a minha mãe nunca me tivesse visto. Sim, dissera a tia Tassi. Antes de morrer, ela viu o teu pequeno rosto e isso fê-la rir e chorar ao mesmo tempo porque, pela primeira vez na vida, era feliz. Depois a minha tia abanou a cabeça, como se pensar na minha mãe a deixasse triste, e eu senti-me mal por ter perguntado. Estava deitada sobre a barriga da minha mãe, coberta com os seus fluidos viscosos,

quando ela deu o seu último suspiro. O quarto onde nos encontrávamos não tinha janelas e estava muito calor, por isso levaram-na para um outro quarto, com janela, e abriram a janela toda para que a sua alma pudesse voar para o céu. Era de noite e alguém acendeu um archote no jardim para a ajudar a encontrar o caminho.

A tia Tassi mandou uma carta ao meu pai, em Southampton, Inglaterra, mas o meu pai não respondeu e eles enterraram a minha mãe no cemitério de St. George e marcaram a campa com uma pequena cruz de madeira porque não tinham dinheiro para uma lápide. Quando perguntei à minha tia se eu tinha morto a minha mãe ela disse que, claro que não, e como é que eu podia pensar tal coisa. Quando uma alma chega, outra tem de partir. Tive má sorte.

Acontecia que a minha tia tinha um postal de Southampton, que o padre Carmichael lhe enviara. Era uma fotografia de um porto, com muitas pessoas a acenar a passageiros que eu não conseguia descortinar. Conseguia ver a proa de um grande navio, mas não os passageiros. *Southampton* estava escrito em maiúsculas na parte de baixo. Por vezes, eu tirava o postal da parede atrás da cómoda da tia Tassi, onde estava preso com um gancho de cabelo, fitava os ingleses que acenavam e perguntava-me se o meu pai poderia ser um deles ou, pelo menos, parecer-se com um deles.

Todos diziam que eu tinha sorte por ter a tia Tassi. As minhas primas, a Vera e a Violet, eram três anos mais novas do que eu. Tinham o mesmo aspecto, falavam da mesma maneira e ambas riam da mesma forma. A tia Tassi dizia muitas vezes que elas eram muito bonitas, mas eu nunca achei que assim fosse. A sua pele, sim. A sua pele era escura, brilhante e macia como a da beringela. Mas os seus rostos eram banais e idênticos e os seus corpos eram direitos e magros, como aqueles bonecos de traços que se fazem quando não se sabe desenhar alguém. Tal como eu não tinham pai. Mal Vera e Violet nasceram, o pai fugiu com uma rapariga de Barbados e nunca mais ninguém o viu ou ouviu falar dele. Eu era muito nova, por isso não me recordo de grande coisa. Mas lembro-me que a tia Tassi se sentia, muitas vezes, triste de mais para sair de casa.

Então, certa tarde, decidi ir dar um passeio até Buccoo, e na estrada de Buccoo encontrou Roman Bartholomew, um homem baixo e escanzelado, a quem os aldeões chamavam Alá, porque pensava ser Deus. Ele disse olá, Tassi D'Abadie e tirou o chapéu. A minha tia acenou, educadamente. Conhecia Roman Bartholomew mas nunca antes falara com ele.

— Que me dizes de irmos a um baile na aldeia de Carnbee, hoje à noite?

— Está bem — respondeu ela. — Porque não? Não tenho mais nada para fazer.

Pouco depois, já eram inseparáveis e Roman arranjou emprego na loja de ferragens Campbell, ali mesmo, em Black Rock.

Todos os dias, a caminho do Hotel Robinson Crusoe, onde limpava quartos, a tia Tassi passava pelo edifício de madeira azul e espreitava para a escuridão, em busca de Roman. Por vezes, ele acenava ou vinha até à porta e saía para a forte luz branca. Era assim, por vezes, uma luz ofuscante que tudo distorcia quando o sol subia por sobre a ilha. E ele podia dizer: «Tassi, tu trazes alguma coisa?» E ela respondia «Sim, trago um sumo ou uma manga ou um pedaço de *sugar cake* ou qualquer outra coisa que levasse consigo»; ou podia dizer: «Não, nada que não tenhas já recebido» e depois virava-lhe costas e retomava o seu caminho. Por vezes Roman pedia-lhe dinheiro. «Tassi, tu tens trocos?» E ela procurava no bolso do seu avental aos quadrinhos azuis e brancos e retirava uma moeda que lhe entregava. Eu não gostava da forma como o Roman olhava para mim — pelo canto dos seus olhos rasgados — por isso deixava-me sempre ficar para trás, junto do velho expositor de canos. «Celia, tão tímida», dizia ele. «Como um passarinho» e esticava a mão e assobiava, como se eu fosse realmente um passarinho.

Todos diziam que ela ia de mal a pior. Mas a tia Tassi sentia-se com tanta sorte por ter conseguido encontrar um homem disposto a aturar as filhas de outro homem e a filha da sua falecida irmã (eu), que se agarrou a ele, como se fosse uma jangada, no mar. Ele não tinha um tostão furado e ela não se importava. Como disse certa vez a tia Sula, cada um vê o que quer ver e ouve o que quer ouvir. Mais tarde, nesse ano, Roman, compreendendo que tinha encontrado algo bom, fez da minha tia Tassi uma «mulher honesta».

A senhora Maingot costumava dizer que Roman Bartholomew conseguia passar por baixo da barriga de uma cobra, montado em cima de andas. Mesmo então, sabia que isso não era verdade. Desde o início, tornara-se bem claro que era um mentiroso. Como daquela vez em que regressámos da missa e a casa estava perto de arder por completo porque ele tinha adormecido com um cigarro na mão. No preciso momento em que entrámos em casa, uma linha cor de laranja corria pelo chão. A tia Tassi levantou as mãos e gritou o nome dele tão alto, «RO-MAN!», que eu pensei que toda a aldeia a ouviria. Corri em busca de um balde de água e Vera e Violet começaram a gritar, por isso disse-lhes que se calassem e fossem buscar mais água, mas elas estavam pregadas ao chão como dois postes. Depois de o fogo ter sido apagado e de restarem apenas os riscos pretos no chão e na parede, Roman fingiu que ia começar a chorar. De repente, a tia Tassi estava a pôr os braços em seu redor e a dizer-lhe que não se preocupasse. E depois abriu a carteira, deu-lhe um dólar e lá foi ele para o bar do Jimmy, no fim da rua, para se acalmar e fazer por se sentir melhor, porque estas coisas acontecem, disse a tia Tassi. Por vezes, a culpa é do diabo.

Mas Roman era o diabo. Desde os meus oito anos que ele se aproximava de mim, inquieto e a arfar como um cão esfomeado. Se eu estivesse a fazer os trabalhos de casa, ele entrava no meu quarto. Mexia nas fitas que eu tinha no cabelo ou baixava-se e soprava para o topo da minha

cabeça. Certa vez percorreu com os dedos a parte de trás do meu pescoço. Fiquei imóvel como se fosse feita de pedra. A maior parte das vezes, ficava parado à minha porta, a olhar, e eu fazia de conta que ele não estava ali. Era mais fácil deixar que ele fizesse isto do que tentar que não o fizesse e «causar problemas», como ele dizia, porque ninguém me ia prestar atenção.

— Tu não és nada — disse ele, certo dia, quando ameacei contar à minha tia. — Não tens mais ninguém para além da Tassi e a Tassi precisa de mim, como planta precisa de água. Por isso, achas que ela vai acreditar em quem? Já lhe disse que tu mentes.

As lágrimas correram-me pelo rosto. Disse:

— Vou a Inglaterra à procura do meu pai. Podem ir todos para o Inferno!

Depois corri para fora de casa e meti-me pelas traseiras aonde a luz do sol não chegava e abri caminho pelo meio da vegetação até ao rio. Aí se encontravam grandes pedras e elas eram quentes e cinzentas, em especial do outro lado. Um grande tronco, do que fora outrora um mogno, estendia-se de um lado do rio até ao outro e comecei a atravessá-lo.

As águas não eram profundas, mas havia um redemoinho e eu escorreguei e caí. Os meus braços ergueram-se e eu fiquei rígida e direita como um lápis e a água puxou-me para baixo, fez-me girar e eu tive a certeza de que ia morrer. Tudo estava enevoado e desfocado e o fundo do rio devia estar a ser remexido porque eu conseguia ver os seus pedaços arenosos. Conseguia senti-los nos olhos e no nariz. Dois rapazes que pescavam viram-me cair. Correram para a margem, seguraram-se por entre as rochas e puxaram-me pelo cabelo que, disseram depois, parecia feito de grossas algas. Quando a tia Tassi soube o que tinha acontecido, disse-me que nunca mais me deixaria ir para o rio sozinha e que diabo estava eu a fazer ali.

A nossa casa de madeira erguia-se sobre estacas. Tinha dois quartos, uma cozinha pequena, uma sala de estar e um pequeno quarto de arrumos em que mal se conseguia meter uma cama. Eu partilhava um quarto com as minhas primas. Em redor da minha cama existia uma linha imaginária que, se atravessada, desencadearia tristes acontecimentos. Era a mesma linha invisível que corria em redor dos meus livros, das minhas roupas, do meu champô e da minha água de lavanda. Se Vera ou Violet levassem alguma coisa sem antes pedirem permissão, assustava-as com histórias de fantasmas, de La Diabliesse e da terrível Soucouyant que vinha durante a noite para lhes roubar a pele. Falava-lhes dos *douens*, os espíritos sem rosto, com pequenos pés virados para trás, que aprenderiam os seus nomes e as chamariam para a floresta. A mais pequena referência aos *douens* fazia as minhas primas tremerem de medo.

Da nossa janela via-se o quintal e o jasmim, branco como osso, como se estivesse morto. Gordas lagartas, grossas e pretas, com riscas amarelas, rastejavam pelos ramos e comiam as longas folhas e quando as flores chegavam, depressa caíam. Tínhamos uma limeira e uma ameixoeira apodrecida de onde voavam abelhas, se a pontapeasse com força.

Gostava de me sentar debaixo da casa. As galinhas corriam de um lado para o outro e esgaravataavam o chão e as duas cabras, *Antoine e Antoinette*, deitavam-se sob a limeira ou pastavam na erva grossa; por vezes esticavam as suas cordas até à árvore-do-pão ao fundo do nosso quintal. As brilhantes folhas verdes eram grossas e duras como plástico e a fruta-pão era doce e amarela. A tia Tassi implorou a Roman que cortasse a vide que se enrolava à árvore como se fosse cabelo, mas ele nunca o fez. Mais depressa subia a rua para visitar a sua amiga Ruth Mackenzie, que era bela como uma boneca e casada com Earl. Ruth andava por Black Rock como se fosse uma pessoa importante e ensinara a filha, Clara Mackenzie, a andar da mesma forma. Se a tia Tassi sabia das visitas que Roman fazia a casa de Ruth, guardava-o para si. Mas a senhora Maingot sabia, porque vivia mesmo em frente.

Nos degraus da casa dos Maingot cresciam plantas em velhas latas de tinta. Uma tinha picos enormes e a senhora Maingot espetava ovos nas suas pontas para que ninguém se cortasse. Quando se passava pela sua casa, era possível ouvi-la cantar os antigos cânticos espirituais na sua voz aguda e doce. Como eu, a sua filha Joan andava no sétimo ano. Via-a muitas vezes a caminho da escola com o rapaz Johnson, erguendo-se na ponta dos dedos numa forma de andar que lhe era típica e balançando a sua bela mochila com palavras em espanhol que o pai lhe tinha trazido de Porto Rico. Dizia *Vida Feliz* de um lado e *Happy Life* do outro.

Mas a Joan nem sempre estava assim tão feliz. Quando tinha dez anos, o pai falecera num acidente com o barco de pesca, a caminho de Trindade. Dizem que os tubarões comeram a tripulação de quatro homens, mas não sei se será verdade. Quando a senhora Maingot ouviu as notícias trancou-se em casa e baliu como se fosse um animal, meio vaca e meio cão, durante dois dias. Nunca tinha ouvido um choro assim e nunca mais voltei a ouvir.

Todos diziam como era triste que Wilfred Maingot tivesse morrido; não havia corpo para enterrar nem local onde deixar flores. Fomos todos à igreja de St. John, no domingo, como era habitual, e o padre Carmichael, de quem nunca gostei (tinha dentes amarelos, como presas), fez uma cerimónia especial pelo Wilfred. Olhei para Joan do outro lado do corredor, vestida de branco, as duas tranças penduradas como duas cordas negras e pensei que ela quase estava pior do que eu. Pelo menos eu podia manter a esperança de que o meu pai estivesse vivo, algures pelo mundo.

A praia mais próxima de nossa casa era Courland Bay. Muitas vezes, encontravam-se por lá pescadores que não tinham nada melhor para fazer do que beber e sentar-se debaixo das árvores, em especial ao fim da tarde. Uma vez por outra acendiam uma fogueira e cozinhavam um gambá ou uma cabra e se, por acaso, por ali passássemos podíamos ver as nuvens de fumo erguerem-se no céu. Roman costumava dizer que estes homens eram *badjohns* e imprestáveis. Há que sê-lo para conhecê-lo. Aqui, a água era normalmente calma e dela se erguia uma enorme

rocha preta, como se fosse ela própria uma pequena ilha. Na areia — fina como o pó — encontrava conchas e pedaços de madeira deitados fora como velhos ossos e, normalmente, deparava-me com um ou dois ouriços-do-mar, com a forma de uma meia-lua e macios como uma alforreca. Se lhes tocasse com o pé, escorria para a areia uma tinta roxa. Havia muitos ao longo da praia. Nunca soube porque estavam ali ou se deviam estar na água. Calculei que devessem estar dentro de água, porque o sol fazia com que encarquilhassem e encolhessem. Quando estava para aí virada, pegava num pau e atirava-os de novo para a água. Imaginava-os a dizer: «Obrigado, Celia.» Havia mangues, escuros e repletos de siris-azuis e, mais acima, uvas da praia; contornei a ilha e aí a água era revolta e espumosa. Sobre ela lançam-se os pelicanos, como se caíssem dos céus. Vi todo o tipo de coisas ali no mar: papel, pedaços de tecido, garrafas. (Uma delas tinha *rum* e, quando o bebi, fez com que a minha cabeça parecesse cheia de algodão.) Também encontrei um sapato castanho, meio destruído, e, na areia, uma harmónica partida e um mapa de um local que não reconheci. Encontrei uma mala vazia, a tampa de uma lata de biscoitos com uma imagem de Natal e pedaços de louça partida. Tudo o que encontrava, levava comigo para casa, enrolava num grande pedaço de pano, de uma antiga cortina e escondia por baixo da casa, no buraco onde a tia Tassi guardava as grades de *Coca-Cola*. Este era o meu precioso tesouro; Deus ajudasse a Vera e a Violet se se aproximassem dele.

A partir dos seis anos frequentei a escola de St. Mary. Era um edifício de madeira com janelas na parte da frente como dois olhos, a porta era a boca e o telhado um chapéu pontiagudo. Na parede do fundo da sala de aula estava um mapa, preso à parede com tachas. Inglaterra era pequena e cor-de-rosa, e ficava muito longe de Trindade e Tobago. (Trindade e Tobago também eram cor-de-rosa porque faziam parte da Commonwealth.) Muitas vezes colocava o dedo sobre o local onde me encontrava, em Black Rock, e estendia a mão sobre o Oceano Atlântico. Eram precisos três palmos para chegar a um local chamado Plymouth e Southampton ficava um pouco mais longe.

A senhora McCartney, a minha professora, disse que foi de Southampton que zarpu o célebre navio *Titanic*, a 10 de Abril de 1912. Mais de mil pessoas morreram quando o navio embateu num icebergue. «Iam a caminho da América no maior e mais grandioso navio do mundo e, depois, afundou-se.» Eu gostava da senhora McCartney. Não era uma mulher bonita, mas também não era feia. Prendia o cabelo ruivo, deixando-o com a forma de uma onda, na parte de trás da cabeça; costumava perguntar-me qual seria o seu aspecto, se ela o soltasse. Usava saias compridas e blusas de algodão, com botões mesmo até cima, como se tivesse frio e não habitasse nos trópicos. Os seus sapatos de atacadores provinham de uma loja chamada Lunns, que ficava em Piccadilly, Londres, Inglaterra. Andava depressa, com passos curtos, inclinando o corpo para a frente como se tivesse pressa de chegar a algum lado. Tinha

uma forma estranha de falar. Roman dizia que soava como alguém a quem estavam a apertar o pescoço. Mas eu não conseguia imaginar ninguém que quisesse apertar o pescoço à senhora McCartney.

Certa vez, quando as aulas terminaram e eu estava a arrumar os livros, decidi colocar-lhe uma questão que me perturbava há algum tempo.

— Professora — disse eu —, como é que sabe tanto?

A senhora McCartney sorriu e eu vi os seus dentes pequenos e tortos.

— Suponho que aprendi muito na Universidade. — E depois: —

É um sítio muito bom para aprender coisas e conhecer pessoas. Quando se escolhe uma matéria de que se gosta, podemos-nos divertir muito. Talvez um dia vás para a Universidade.

— Não é preciso ser-se muito esperto?

— Bastante — disse ela. — Tu és uma rapariga inteligente, Celia. Só porque és bonita não deverias descurar os estudos. — Ela olhou-me nos olhos e eu soube que me ia dizer algo importante. — Podes ser aquilo que quiseres. Não deixes que ninguém te diga o contrário.

Quando cheguei a casa contei à tia Tassi. Ela estava a varrer o chão e a cantarolar, enquanto Roman dormitava no cadeirão.

— Pelo menos tu tens alguma cabecinha. Talvez venhas a ser médica ou advogada e a fazer muito dinheiro. Podes tomar conta da tua velha tia.

Depois saiu para o exterior e começou a varrer os degraus.

Sem abrir os olhos, Roman disse:

— Tu não consegues fazer nada assim. És igual à tua mãe. Um cão não pode fazer um gato.

Do outro lado da aldeia havia uma zona chamada Stony Hill, onde vivia uma família de Trindade, o velho Edmond Diaz e a senhora Jeremiah. As crianças tinham medo da senhora Jeremiah. Já a tinha visto a deambular pela aldeia, o cabelo branco e esquisito puxado para trás, exibindo o seu rosto enrugado que me recordava um fruto velho. Tinha olhos pequenos e afastados, como os de um pássaro. O esquerdo era enublado e amarelado, e o direito fixava-se algures por cima do nosso ombro, como se ela estivesse a observar algo ou alguém à distância. Era quase cega, diziam. Mas apesar de toda a sua cegueira, a senhora Jeremiah conseguia ver coisas sobre a vida que mais ninguém conseguia ver ou saber. Nem os nossos pais, nem os nossos amigos, nem mesmo os murmúrios do nosso próprio coração. As pessoas vinham de todas as Caraíbas para ouvir o que a senhora Jeremiah tinha para dizer. Vinham de Barbados e de Grenada, de Santa Lucia, da Venezuela e de Trindade. Se não gostassem do que ela tinha para dizer, por um valor extra ela oferecia um feitiço ou poção para mudar a situação. Havia todo o tipo de histórias. Uns diziam que ela era uma espécie de médica. A senhora Jeremiah dava misturas de sangue de galinha com chili para serem bebidas de madrugada; orações para serem cantadas à noite; instruções para cozer

o coração de uma cabra, envolvê-lo em folhas de bananeira e enfiá-lo debaixo da almofada onde deveria permanecer durante quarenta noites.

Depois de uma visita à senhora Jeremiah, os amantes reconciliavam-se ou separavam-se, os parentes e os inimigos faleciam em circunstâncias estranhas, uma mulher que nunca conseguira ter filhos via-se, de súbito, a cuidar de um bebê. E eu nunca teria tido que lhe falar não fora por Roman Bartholomew.

Certa tarde, bêbedo e a cambalear ao longo da estrada a caminho de casa, vindo do bar do Jimmy, Roman chocou com a senhora Jeremiah que regressava da mercearia e fê-la cair como um saco de ameixas. A senhora Maingot ia a caminho dos correios e viu-a cair. Depois viu

Roman tentar ajudá-la e cair também... em cima da senhora Jeremiah.

A senhora Maingot disse que parecia uma comédia mas que ninguém se estava a rir. Correu para onde eles lutavam, como dois animais e ela, a senhora Maingot, começou a gritar com Roman. Ajudou a senhora Jeremiah a levantar-se e disse a Roman que jamais aturaria metade do que Tassi D'Abadie aturava e que estava contente por o seu marido ter sido um homem decente. Porque teria Deus levado um homem bom como Wilfred tão novo, deixando-o a ele livre para deambular como um demónio. Roman olhou para o chão como se tivesse perdido qualquer coisa, mas não se conseguisse recordar do quê.